

ALÉM DA NOTÍCIA

Sarney corta os pavios

O presidente José Sarney viaja hoje ao Rio, na sua companhia para tentar desarmar a bomba de efeito retardado que seria jogada contra o Palácio do Planalto nas próximas eleições para prefeito das capitais, nas quais viria fatalmente à tona uma nova campanha por diretas já, ganhando espaço pupular na seqüência das frustrações populares pela má sorte da Nova República. O anúncio sobre o envio da mensagem ao Congresso, propondo diretas em dois turnos, sem data, ameniza a pressão e corta os pavios.

Operando com senso de antecipação política, o Presidente da República já havia entrado em linha com o governador Franco Montoro, que propôs, com veemência, através dos jornais, a fixação, já, do mandato de quatro anos, fórmula que atende às suas aspirações presidenciais. A articulação visava conceder a Sarney um espaço novo para livrar-se de cerco das pressões que já se formava em torno de seu incipiente Governo, para seccionar desde logo sua possibilidade de prolongamento após os quatro anos.

Reafirmando o compromisso quadri-
 anual, o Presidente da República se revigora e volta ao mesmo nível em que o falecido Tancredo Neves havia deixado o espólio político do País. Mas com Tancredo, falar em quatro anos seria normal. Com Sarney, no mínimo, é lhe concedido como licença, a ser ainda confirmada pelos resultados que obtiver na aplicação de sua capacidade de liderança.

O presidente não ficou, no entanto, atarrantado com a dificuldade e logrou êxito em sua manobra, com a participação efetiva do governador Franco Montoro. Hoje, na sua viagem ao Rio, tenta, também o projeto considerado impossível de desarmar a fábrica de explosivos políticos do governador Leonel Brizola, que espera obter, na próxima campanha eleitoral para as prefeituras, o cenário e a motivação exatos para jogar novamente nas ruas a mística das diretas já.

O presidente Sarney fez uma opção clara no seu pronunciamento de ontem, no sentido de enfrentar politicamente os problemas políticos, utilizando-se da capacidade de mobilização de parceiros, para acordos tácitos ou provisórios. Sabe-se, a esse respeito, que não deverá durar "ad aeternum" a aliança Brasília-São Paulo, porque cedo o governador Franco Montoro verá que o acendramen-

to da disputa sucessória o levará para a exigência de que, em vez de quatro, o mandato presidencial seja de três ou até de dois anos. Será uma questão de realismo, pois o governador paulista tende a ser pressionado pelas forças do PMDB estadual a tomar uma posição vigorosa para sua assunção ao poder federal.

Enquanto lhe é permitido trabalhar em plano de convergência de interesses com Montoro e Brizola, portanto, Sarney o está fazendo. Poderá ser um tempo curto, mas o presidente da República da mesma forma sabe que poderá mobilizar outros poderosos aliados, como os governadores Iris Rezende e José Richa, que, dentro do PMDB, estão sempre em acordo com as diretrizes presidenciais.

Na medida em que ganha tempo, o Presidente também vai alastrando seu campo de gravitação política. Ontem mesmo, o líder do PDS na Câmara, Deputado Prisco Viana, tinha com ele um encontro pleno de motivações. O PDS, em sua cota não ortodoxa, é um partido sem dono e sem destino, portanto, terreno fértil para a semente de alianças temporárias. Aliás, o próprio Sarney sabe que, na sua terra, o PDS acaba de fechar um exótico acordo eleitoral com o PDT para apoiar um candidato à prefeitura de São Luis, o deputado estadual Jackson Lago, numa coligação que corre por fora de grande acordo de união política estadual proposto pelo deputado Eptácio Cafeteira.

O problema do governo, no entanto, passa a ser maior com a antecipação de um clima que estava reservado para etapa posterior. As soluções, porém, são eminentemente políticas, e serão resolvidas por quem demonstrar maior habilidade e preparo no trato dos explosivos.

CARDOSO NA ROTA

As mais recentes manifestações políticas do governo Franco Montoro, reiterando o compromisso da Aliança Democrática em torno do mandato presidencial de quatro anos, tiveram ponto inaugural em Brasília e seguiram pela rota de São Paulo. A estratégia foi montada pelo líder do governo no Senado, Fernando Henrique Cardoso, para deixar claro que o governador será um vigilante político, pronto a acusar qualquer desvio.

LEONARDO MOTA NETO